

# O ENSINO DA ARTE NA ESCOLA E SUA RESPONSABILIDADE NA FORMAÇÃO CIENTÍFICA E ARTÍSTICA DO INDIVÍDUO\*

EUZANIA B. FERREIRA ANDRADE\*\*

Quando falamos em educação por meio da arte, é impossível não nos referirmos à questão da formação do professor de arte, visto estarem estes assuntos totalmente interligados. E o que é a formação do professor de arte hoje? Qual é a compreensão que esse professor tem sobre o ensino da arte? A formação oferecida a ele é científica ou artística? Será ele um mero executor de tarefas? E a sua criatividade como foi trabalhada?

O professor de arte é, na maioria das vezes, o único profissional que tem a responsabilidade de desenvolver a expressão e a sensibilidade no aluno mas, muitas vezes seu trabalho tem um comprometimento muito sério no desenvolvimento da criatividade, efeito contrário ao esperado. Uma das dicotomias mais evidentes é com relação a compreensão do desenvolvimento da criatividade. Até hoje assistimos, em salas de aulas de arte práticas a partir de concepções errôneas de que a criatividade só é domínio de alguns privilegiados bem dotados. Muitos desconhecem, portanto, que criatividade é um processo de aprendizagem. Porcher (1992, p.14) defende que: *“o imediato é, na verdade, mediado, a sensibilidade é construída; o talento pode ser formado, a inspiração adquirida, a emoção preparada, o dom não passa de uma maneira de denominar provisoriamente um processo que não é misterioso mas que não sabemos ainda*

---

\*Trabalho apresentado em mesa redonda da “Jornada de Educação: novos tempos, novos caminhos (?)”, FCL/UNESP/CAr., 1998.

\*\* Artista Plástica, Mestranda em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP/Câmpus de Araraquara.

*explicar; a sociedade camufla o seu trabalho debaixo de fumaças de uma natureza espertamente deformada”.*

Gombrich (1997, p.37) confirma que nada é somente espontâneo pois a criatividade não existe do nada, “*se baseia na tradição, constrói-se sobre ela. Um indivíduo jamais será criativo até que a tenha absorvido. ... a primeira criança que soprou assobiando pode ter sido muito inteligente e criativa, mas jamais poderia ter chegado a construir um órgão de igreja, pois isto levou muitos séculos de criatividade para ser atingido. Michelangelo não poderia ter pintado nas cavernas. foi necessário um longo tempo de aprendizado.*”

Como vemos, a desmistificação do ser criativo não é uma tarefa fácil, por isso tem sido alvo de muitas pesquisas por estudiosos da área como: Lowenfeld, Gardner, Louis Porcher, Ana Mae Barbosa, Gombrich dentre outros. Acima, em apenas duas citações, já podemos perceber que a criatividade, diferentemente do que muitos pensam, não é um “dom nato” do indivíduo, mas sim o produto de um longo processo de aprendizagem. A compreensão da criatividade implica, também, o conhecimento de suas características psíquicas, emocionais, biológicas, culturais, simbólicas do aluno, enfim, todo um universo que faz com que cada um seja único e não melhor ou pior que o outro.

Chegamos, então, a um ponto interessante: se a criatividade não é um dom, mas implica em todo um processo de aprendizagem, podemos dizer que trabalhar a criatividade envolve com certeza os dois aspectos: a ciência e a arte.

Então, é isso o que vem sendo feito nas escolas no ensino da arte?

O que já pode ser verificado em muitas escolas é que muitos professores apresentam grande dificuldade em compreender o verdadeiro sentido da educação através da arte, e então fazem dela, da arte, muitas vezes apenas um lazer ou um processo intuitivo, ou uma forma de liberação de impul-

sos reprimidos, suprimindo a questão do conhecimento, deixando uma lacuna importante na formação do aluno.

Essa dificuldade dos professores pode ser em parte explicada através de sua história de formação que tem como resultado muitas vezes uma deficiência no aspecto teórico-metodológico que o norteie em seu trabalho. Sem essa referência, ele busca nos livros didáticos essa compreensão. Estes, muitas vezes, apresentam um compromisso apenas com os aspectos técnicos ou teoricamente superficiais com relação aos conteúdos da ciência ou da arte.

Existem professores de arte com diferentes tendências e algumas delas com resultado bastante comprometedor, como fruto dessa formação, seja no magistério, na faculdade ou nos diversos e variados cursos de formação continuada onde muitas vezes há um acúmulo de informações em cursos, palestras, workshops, muitas vezes sem um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente, de uma identidade pessoal e profissional deixando de fazer uma interação entre esses cursos e o cotidiano do professor, com propósitos quase que fundamentalmente técnicos.

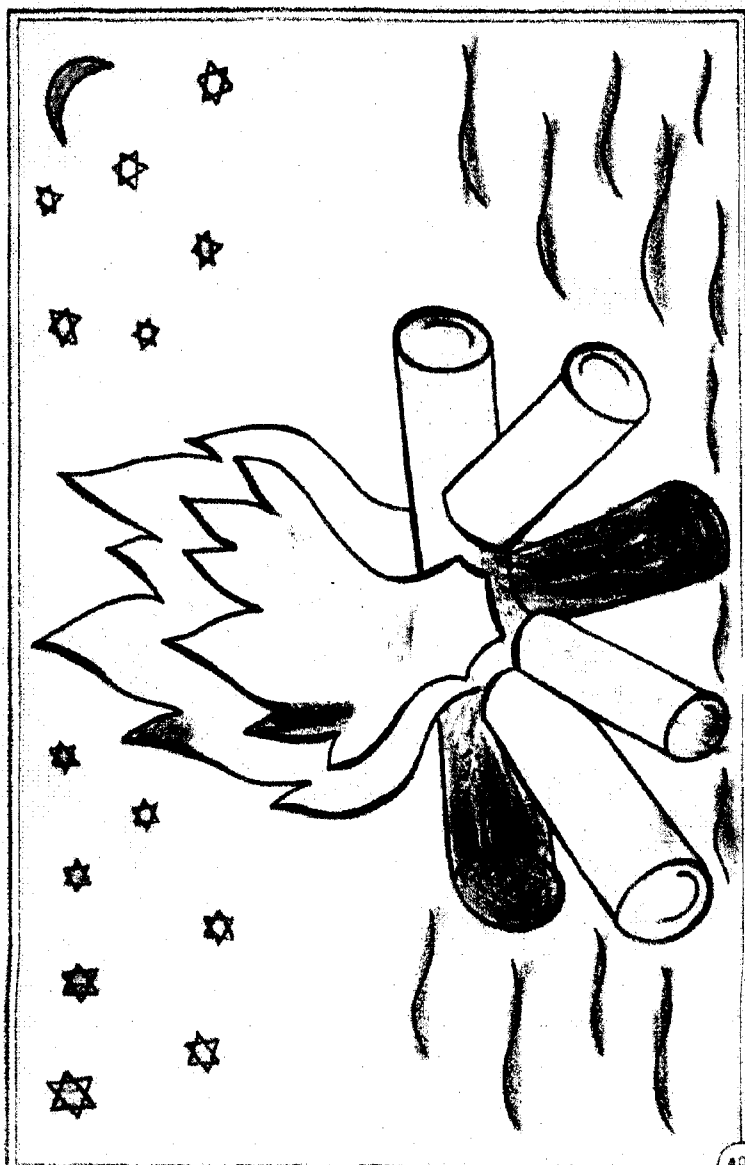
A vivência com professores e os estudos que venho fazendo sobre o ensino de arte permitem que eu apresente alguns tipos de atuação dos professores. Assim é que temos, por exemplo:

1. o professor que só se utiliza do método da livre-expressão - método proposto por Lowenfeld, onde o professor *“não deve impor suas próprias imagens a uma criança, nunca deve dar o trabalho de uma criança como exemplo para outra, nunca deixar uma criança copiar qualquer coisa”*;
2. o técnico que prepara o aluno para a profissionalização ensinando o desenho geométrico, natural e decorativo;
3. o artesão que muitas vezes passa dias e dias (em sua casa ou nos intervalos) confeccionando caixinhas,

- porta-retratos, flores etc. para levar semi-pronto para o aluno terminar em que este, muitas vezes, tem uma participação mínima, colocando só um laço, ou colorindo;
4. o festeiro, que faz festas para a escola (dia das mães, do índio,...), atuando em função da diretora, de outras oportunidades, em que ele e seus alunos passam aulas e mais aulas confeccionando bandeiras, cartazes, etc.;
  5. e, ainda, aquele que se utiliza dos chamados “desenhos pedagógicos” argumentando que esse tipo de atividade desenvolve a coordenação motora da criança, pois ao final ela estará respeitando os limites do desenho e do papel.



**Desenhos mimeografados de alunos de escolas públicas de  
Araraquara.**



Desenhos mimeografados de alunos de escolas públicas de Araraquara.



Desenhos mimeografados de alunos de escolas públicas de Araraquara.

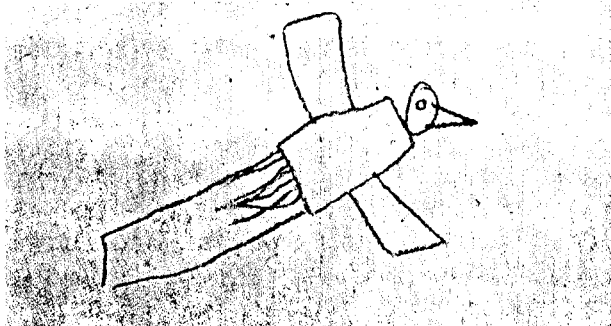


Fig. 3a — Desenho executado por uma criança, antes de haver visto um caderno de figuras para colorir.

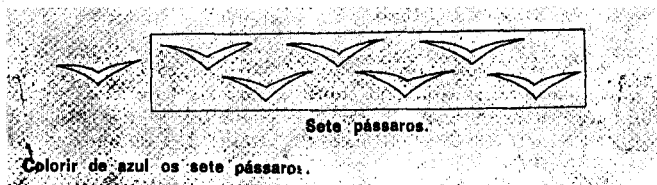


Fig. 3B — Ilustração de um caderno para colorir, que a criança devia copiar.

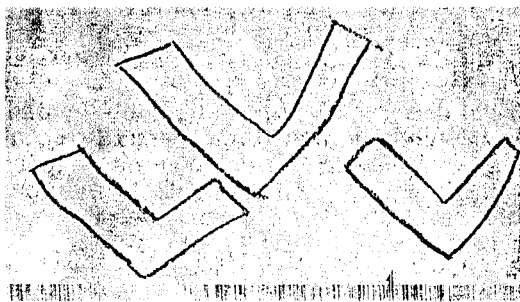


Fig. 3c — A criança que perdeu sua sensibilidade, após copiar cadernos para colorir, como se pode observar neste desenho (3a, b e c. Cortesia da Dra. Irene Russel e de Blanche Waugaman, "Research Bulletin of Eastern Arts Association". Vol. 3, Nº 1.)

LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.



E então, questionamos: o que as atividades desenvolvidas, como exemplos os desenhos mimeografados, tem contribuído para o processo de desenvolvimento do conhecimento artístico e científico do aluno? Esteticamente, apresentam um resultado satisfatório? Culturalmente, em que esse trabalho está contribuindo?

Com essas questões não se pretende construir um padrão único de professor de arte, o que seria tão calamitoso como o perfil do que foi aqui apresentado. Existe, no entanto, a necessidade de se definir uma linha de trabalho. Nesse aspecto Gombrich (1997, p.35) apresenta argumentos sobre a necessidade de se ter uma teoria da arte *“temos uma má teoria da arte porque, de fato, não temos nenhuma teoria da arte. Entendo o que você quer dizer com ‘perigoso’ neste caso. Há uma confusão entre o que é chamado auto-expressão da criança, que é algo muito bom, muito proveitoso e admirável, mas que dificilmente é aplicável à arte. Quero dizer: a partir do momento em que as pessoas pensam que tudo o que fizeram era arte, porque quando estavam na escola tudo o que faziam era considerado adorável por seus professores, até então, não se tem mais uma teoria da arte. Não há tendência, não há objetivos, e não havendo objetivo não há como saber contra o que se opor. O próprio ímpeto revolucionário deixa de existir pois não se pode estar contra algo indefinido. O esforço em si, se torna ridículo. Ocorre um nivelamento em que qualquer amador pode ser um ‘artista’ já que não há padrão de referência”*.

O que podemos perceber é que em todo esse arsenal de métodos muitas vezes não se tem uma teoria que norteie o professor e as atitudes bastante individuais prejudicam o resultado desse trabalho.

A grande maioria não tem tempo sequer para refletir sobre seu dia-a-dia e muito menos de sua própria identidade

expressiva, criativa. Não teve oportunidade de fazê-lo durante sua formação e não acredita que isso seja possível agora, inserido num contexto sócio-cultural que também não o estimula para isso, ficando para sempre na condição de mero executor de tarefas.

Se as condições fossem outras, com certeza ele poderia se tornar muito mais sensível às questões relativas à formação criativa de seus alunos e sobre a contribuição da arte para o indivíduo. Eisner (1997, p.89) diz o seguinte: *“o que a arte proporciona é uma contribuição ampla ao desenvolvimento e às experiências humanas. Primeiramente a arte, isto é, as imagens e eventos cujas propriedades fazem brotar formas estéticas de sentimentos, é um dos importantes meios pelos quais as potencialidades da mente humana são trazidas à tona. Nossas capacidades intelectuais tornam-se habilidades intelectuais à medida que damos a estas capacidades oportunidade de funcionar: o tipo de raciocínio necessário para vermos o que é sutil e complexo; para aprender como perceber formas de maneira que suas estruturas expressivas toquem nossa imaginação e emoção; para tolerar as ambigüidades enigmáticas da arte.”* E ainda continuando com o pensamento de Eisner (1997, p.90): *“Nenhuma análise da arte ou justificativa de seu papel seria adequada se negligenciasse os prazeres da arte em si. A arte tem a capacidade mágica de mandar-nos à lua. Como um foguete, pode fazer nossos corações baterem mais rápido, pode fazer-nos corar, pode criar um sentimento, um ímpeto, que é a sua própria recompensa”*.

Mas para que essa magia aconteça, o profissional deve ter algumas formulações adotadas como parâmetros para o seu desempenho. Entre várias, citaríamos:

*“1- A educação artística propõe-se a criar nos indivíduos não tanto um amor problemático e isolado por belas-artes e belas obras, mas sobretudo uma consciência exigente e ativa em relação ao meio*

*ambiente, quer dizer, em relação ao panorama e à qualidade da vida cotidiana desses indivíduos.*

2- *A educação artística propõe-se a criar nos indivíduos não tanto aptidões artísticas específicas, mas sobretudo um desenvolvimento global da personalidade, através de formas as mais diversificadas e complementares possíveis de atividades expressivas, criativas e sensibilizadoras.*

3- *A educação artística, porém, não se contenta apenas com as virtudes instauradoras do acaso, do *laisser-faire* e da não intervenção, mas pressupõe, pelo contrário, a utilização de métodos pedagógicos específicos, progressivos e controlados, os únicos capazes de produzirem a alfabetização estética (plástica, musical, etc.), sem a qual toda expressão permanece impotente e toda criação é ilusória.” (Louis Porcher, 1982, p.25)*

Quando o assunto é arte-educação, fica mais difícil chegarmos a conclusões definitivas. Por meio deste pequeno momento de reflexão, apontando algumas idéias, pode-se chegar a um fecho quando o professor encontra o caminho mágico da arte com a ciência em seu trabalho, forma-se uma diferença no seu cotidiano, no seu jeito de olhar para o aluno e para ele mesmo. Nesse momento dá-se o encontro do conhecimento com a sensibilidade, com o abstrato e com o inesperado e então forma-se a química mágica que é o ensinar e o aprender.

## BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, A. M. (org.). *A Experiência de Brasília - I Simpósio Internacional de história da arte-educação*. ECA-USP, São Paulo: Max Limonad, 1986.

———. *Arte-Educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.

- DERDYK, E. *Formas de Pensar o Desenho - desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1989.
- EISNER, E. Estrutura Mágica no Ensino da Arte. In: BARBOSA, A. M. - *Arte-Educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GARDNER, H. *As Artes e o Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GOMBRICH, E.H. Entrevista com Ernest Gombrich. In: BARBOSA, A. M. - *Arte-Educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.
- LOWENFELD, V. *A criança e sua arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- PORCHER, L. *Educação Artística - Luxo ou Necessidade?*. São Paulo: Summus Editorial, 1982.